



Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

ISSN: 2178-2547

MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

Navarro, Alexandre Guida
Modos de fabricar o corpo nas estearias: estudo arqueológico
das estatuetas dos povos palafíticos do Maranhão
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências
Humanas, vol. 17, núm. 1, e20210005, 2022
MCTI/Museu Paraense Emílio Goeldi

DOI: <https://doi.org/10.7440/res64.2018.03>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394071058010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Modos de fabricar o corpo nas estearias: estudo arqueológico das estatuetas dos povos palafíticos do Maranhão

Ways of making the body on the stilt villages: an archaeological study of the figurines in Maranhão

Alexandre Guida Navarro 

Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão, Brasil

Resumo: As estatuetas são esculturas humanas, de animais ou seres híbridos de dimensões reduzidas e confeccionadas em osso, cerâmica, marfim ou pedra. Este artigo faz uma revisão dos modos de fabricar o corpo na literatura arqueológica amazônica e apresenta as estatuetas cerâmicas inéditas das estearias do Maranhão. A classificação tecno-tipológica dos conjuntos e as formas em que estes corpos foram figurados revelam um modo próprio e o local de fabricação dos corpos. Alguns elementos iconográficos compartilhados com os povos da fase Marajoara evidenciam fluxos estilísticos de interação social entre grupos do baixo Amazonas e do estuário maranhense. O propósito da confecção destes artefatos parece remeter tanto a seres humanos individualizados, a mulheres que participaram de rituais de puberdade, a figuração trasmutacional de corpos que incidem sobre os aspectos animistas e perspectivistas das ontologias ameríndias amazônicas, como também ao xamanismo e aos animais que auxiliaram os xamãs em sua comunicação com os diversos mundos tangíveis.

Palavras-chave: Estatuetas. Estearias. Fase Marajoara. Xamanismo. Fabricação do corpo.

Abstract: Figurines are human sculptures of animal or hybrid beings of reduced dimensions and made of bone, ceramics, ivory, or stone. This article reviews the ways of making the body in the Amazonian archaeological literature and presents the unpublished ceramic statuettes of the Maranhão stilt villages. The techno-typological classification of the sets and how these bodies were figured reveal a specific and local way of making the bodies. Some iconographic elements shared with the people of the Marajoara phase show stylistic flows of social interaction between groups at the mouth of the Amazon and the Maranhão estuary. The purpose of making these artifacts seems to refer to individualized human beings; to women who participated in puberty rituals; to the transmutational figuration of bodies that focus on the animistic and perspectivist aspects of Amazonian Amerindian ontologies, such as shamanism and animals that helped shamans in their communication with the different tangible worlds.

Keywords: Figurines. Stilt Villages. Marajoara Phase. Shamanism. Making Body.

Navarro, A. G. (2022). Modos de fabricar o corpo nas estearias: estudo arqueológico das estatuetas dos povos palafíticos do Maranhão.

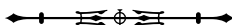
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 17(1), e20210005. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2021-0005

Autor para correspondência: Alexandre Guida Navarro. Universidade Federal do Maranhão. Av. dos Portugueses, 1966 – Bacanga. São Luís, MA, Brasil. CEP 65085-580 (altardesacrificios@yahoo.com.br).

Recebido em 15/01/2021

Aprovado em 14/06/2021

Responsabilidade editorial: Fernando Ozório de Almeida



"Ele, o corpo, afirmado ou negado, pintado e perfurado, resguardado ou devorado tende sempre a ocupar uma posição central na visão que as sociedades indígenas têm acerca da natureza humana" (Seeger et al., 1979, p. 3).

INTRODUÇÃO

Por definição, uma estatueta é uma escultura que figura corpos humanos, de animais ou de seres híbridos. As estatuetas apresentam dimensões reduzidas e foram confeccionadas em cerâmica, osso, marfim ou em lítico (Barreto, 2016), sendo artefatos mobiliários, ou seja, podem ser transportadas (Ember et al., 2004).

Esses objetos vêm sendo estudados com recorrência, como a apresentação de vários contextos mundiais no recente manual "The Oxford Handbook of Prehistoric Figurines", organizado por Insoll (2017). Não é objetivo deste artigo fazer uma revisão desses estudos, e sim corroborar os posicionamentos teóricos acerca da arqueologia do corpo no que tange às estatuetas amazônicas, sobretudo aquelas femininas, uma vez que a quase totalidade dos exemplares aqui apresentados refere-se a este sexo.

As estatuetas, portanto, apresentam um amplo significado semântico, que está associado desde as correntes teóricas mais conservadoras, como a associação com o erotismo ou a fecundidade, até posicionamentos feministas, que as colocam como representações de mulheres ocupando chefias políticas.

Este artigo nasce de uma reflexão originada após seis trabalhos de campo nas estearias maranhenses, de onde foram coletados vários inteiros e fragmentados de estatuetas. Neste artigo, optou-se por estudar aquelas que apresentassem as características morfológicas e técnico-tipológicas suficientes para contribuir com a discussão acerca da arqueologia do corpo na Amazônia.

As estearias são sítios arqueológicos formados por palafitas, erguidas dentro de rios e lagos, e que serviam de sustentação para os pilares ou esteios de madeira das aldeias indígenas, com a finalidade de proteção contra inundações. Esse é um tipo peculiar de ocupação pré-colonial na região conhecida como Baixada Maranhense, a aproximadamente

200 km da capital do estado, São Luís (Navarro, 2017, 2018a, 2018b; Navarro & Silva Júnior, 2019; Navarro & Prous, 2020) (Figuras 1 e 2). Construídas desde o início da era cristã até o século XII, estes sítios arqueológicos vêm ganhando repercussão na arqueologia brasileira por causa da boa preservação do material que se encontra em meio à turfa do leito aquático onde foram descartados.

Estudos arqueológicos realizados por Navarro desde 2014 demonstram que estes assentamentos não são simples acampamentos, como até então se pensava. A grande quantidade de artefatos com marcas de fuligem e cocção evidencia uma ocupação de longa duração (Navarro, 2018a). A existência de muiraquitãs nesses sítios – como o exemplar coletado por Navarro et al. (2017) no sítio Boca do Rio, em 2014, e aqueles coletados por Lopes (1924) e estudados por Navarro e Prous (2020) no Museu Nacional antes do incêndio que o consumiu – corrobora a conexão de redes ou esferas de interação destes grupos, uma vez que indica a conexão de redes de longa distância entre viajantes do baixo Amazonas e, possivelmente, das Antilhas e do Caribe.

Há que se destacar também que esta é a primeira vez em que se estudam, de maneira sistemática, as estatuetas das estearias, o que pode contribuir para a compreensão das cosmologias ameríndias do estuário da Baixada Maranhense, uma área que ainda tem pouca informação arqueológica. O problema que norteia este trabalho, portanto, é verificar se as estatuetas dos povos das palafitas revelam ou não características semelhantes com as do universo cosmológico dos povos que habitaram o baixo Amazonas, como os das fases Marajoara e Santarém.

ANTECEDENTES

Na Amazônia brasileira, a maioria dos estudos sobre estatuetas foi feita por mulheres, sendo elas: Palmatary (1950, 1960), Corrêa (1965), Roosevelt (1988, 1991), Schaan (2001a, 2001b, 2009), Gomes (2001, 2019) e Barreto (2009, 2014, 2017). Esses estudos centram-se nas duas sociedades pré-coloniais, com maior destaque em Santarém e na fase Marajoara.

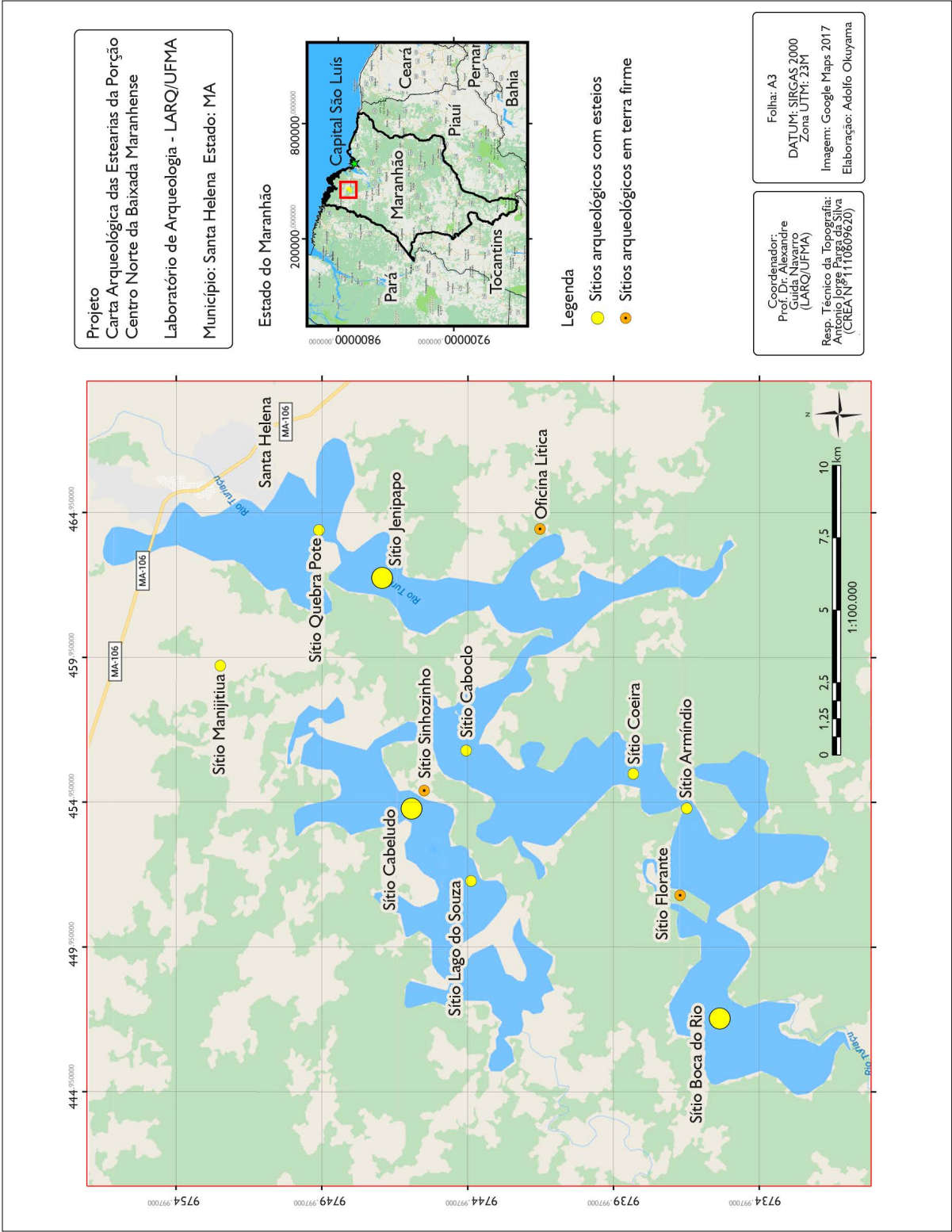


Figura 1. Mapa com a localização das estreiras do rio Turiagu. Fonte: acervo do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ-UFMA).



Figura 2. Estearia do Cabeludo na época da seca, ainda com lâmina de água. Foto: acervo do LARQ-UFMA.

Segundo Palmatary (1950, 1960), as estatuetas santarenas se diferenciam das marajoaras pelo fato de as primeiras serem mais variadas, representando tanto o sexo masculino quanto o feminino, de as femininas não possuírem pés sugerindo que estão sentadas e de, quando colocadas de cabeça para baixo, evidenciarem uma base em forma de meia lua crescente, com a extremidade da base pontiaguda. Nas de Marajó, as estatuetas femininas estão agachadas, sendo os joelhos mais proeminentes, e, embora as bases também formem uma meia lua crescente quando colocadas de cabeças para baixo, diferentemente das santarenas, as marajoaras as têm mais arredondadas (Figuras 3 e 4). Palmatary (1950) já indicava a forma fálica das estatuetas, o que seria ratificado futuramente pelas demais pesquisadoras que viriam a estudar o tema.

No catálogo de estatuetas confeccionado por Corrêa (1965), a autora analisa a morfologia e o aspecto decorativo de 119 das estatuetas. Destaca que, à diferença das peças marajoaras, as estatuetas de Santarém são caracterizadas pelo “. . . realismo da modelagem manifestado na reprodução de posturas e gesto dos personagens que tentavam retratar. . .” (Corrêa, 1965, p. 7). Corrêa (1965) chama a atenção para os orifícios situados na cabeça que, segundo ela, poderiam ser utilizados para a colocação de ornamentos. Além disso, muitos exemplares possuem a cabeça fraturada, os quais,

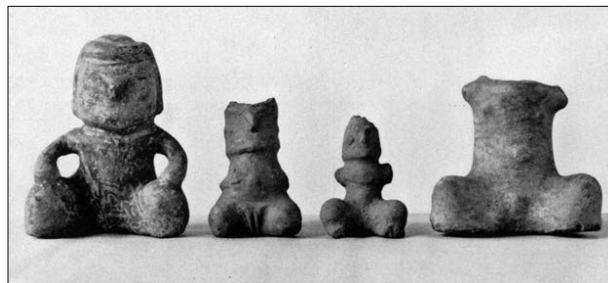


Figura 3. Estatuetas femininas marajoaras. Fonte: Palmatary (1950, p. 364).



Figura 4. Estatueta feminina santarena. Fonte: Palmatary (1960, p. 180).

a julgar pela existência de um formato plano, sugeririam a prática de deformação fronto-ocipital.

Segundo Roosevelt (1988, 1991), a maioria das estatuetas representa mulheres ornamentadas e grávidas, com a genitália e os seios à mostra; algumas são ‘eróticas’, possuem forma fálica, e a maioria provém de contexto doméstico, refugio ou enterramento. Segundo essa autora, esses aspectos exaltam as qualidades de fertilidade e maternidade em sociedades de tipo cacicado ou em estados incipientes.

Para Schaan (2001a), as estatuetas não são artefatos que evidenciam uma agência de representação de individualidades dentro de um contexto de desigualdade social. Assim, Schaan (2001a, p. 3) propõe que as estatuetas marajoaras “. . . devem ser entendidas como objetos simbólicos relacionados a discursos contextuais sobre identidade social e gênero. . .”, ligadas a rituais funerários (Figura 5). Segundo Schaan (2001a), as estatuetas marajoaras seriam objetos de poder, de negociação de identidade entre os diferentes grupos, indicando, dessa forma, que nos povos desta fase havia uma conflitante desigualdade social recaindo sobre uma ontologia do gênero. Portanto, as pinturas corporais não seriam traços de fertilidade e nem do matriarcado, como postulou Roosevelt (1988), mas sim marcas de individualidades, que indicavam posição social e revelavam posicionamento político como um discurso dentro dos conflitos de gênero em que a sociedade estava inserida.

Essa posição social de destaque da mulher também foi postulada por Gomes (2001). Assim como Schaan (2001b), Gomes (2001) pensa que esses artefatos representam indivíduos em sua posição social que são indicados pelo tipo de adereços que usam. Esses adornos compreenderiam, portanto, um ‘vocabulário visual’ de rituais levados a cabo pelas mulheres em seus diversos ciclos de vida. Essa autora pensa numa estética pré-colombiana caracterizada pelo perspectivismo e pelas ontologias transmutacionais da materialidade do corpo, em que as estatuetas poderiam ser parte do mundo xamânico, como metáfora das visões cosmológicas. Desse modo, as estatuetas, como parte das ontologias ameríndias, são materializações de contextos rituais “. . . con un sentido mnemónico – funcionando como dispositivos de memoria. . .” (Gomes, 2019, p. 84).

Barreto (2009, 2014) utilizou o conceito de fabricação dos corpos. Em recente trabalho, a autora analisou 86 estatuetas marajoaras e 32 santarenas procedentes de várias coleções, definindo como principal atributo a corporeidade representada nos artefatos.

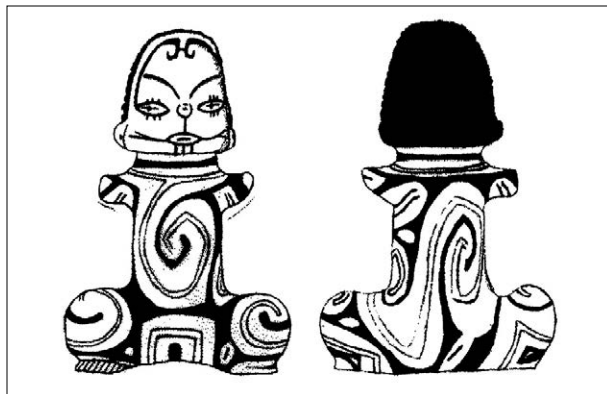


Figura 5. Estatueta marajoara. Fonte: Schaan (2001b, p. 43).

A maioria das estatuetas é feminina, está pintada, possui seios, vaginas, sendo uma grande parte encontrada em enterramentos (Barreto, 2009, 2014). A discussão sobre o gênero também é realizada por Barreto (2014), que ratifica o estudo anterior de Schaan (2001b) de que as estatuetas são fálicas, com a diferença de que, para Barreto (2014, p. 51), uma estatueta é “. . . um falo humanizado, e não um corpo em forma de falo. . .”. Para esta autora, a forma fálica, em suas diversas fases de transformação, alude mais à mudança do corpo propriamente dita do que à concepção de fertilidade. A pesquisadora realizou raio-X das peças, procedimento que evidenciou uma surpreendente forma de falo no preenchimento interno de algumas estatuetas.

Cabe ressaltar, por último, as etnografias da produção de estatuetas nas terras baixas da América do Sul (Stahl, 1986) e, sobretudo, o que diz respeito às bonecas Karajás como referência de transmissão de saberes, e não somente figurando como brinquedos (Campos, 2002), que, mesmo não estando na Amazônia, contribuem para o amplo significado que esses artefatos tiveram.

A FABRICAÇÃO DOS CORPOS NA AMAZÔNIA

Como metodologia de estudo, utiliza-se o conceito etnológico das terras baixas da América do Sul focado na fabricação dos corpos (Seeger et al., 1979) ou da ‘social skin’, definida por Turner (1980). As artes visuais, nesse sentido, são uma maneira de ordenação das

práticas rituais (Lagrou, 2007). Arqueólogos cada vez mais utilizam as teorias antropológicas e a etnografia para ratificarem seus argumentos. Se aplicar essas teorias etnológicas ao registro arqueológico pode ser interpretado como anacronismo, a agência destes artefatos também pode ter desempenhado funções semelhantes no passado, como salientou Barreto (2017).

Desse modo, Seeger et al. (1979, p. 2) consideram a corporalidade uma linguagem simbólica em que “. . . a noção de pessoa e uma consideração do lugar do corpo humano na visão que as sociedades indígenas fazem de si mesmas são caminhos básicos para uma compreensão adequada da organização social e cosmologias dessas sociedades”. Nesse sentido, as identidades sociais, assim como as diversas manifestações culturais das sociedades indígenas, como os mitos, as cerimônias, a ancestralidade, são construídas sobre os seus corpos, que são instáveis, transformacionais, agenciados, por isso são fabricados. O corpo, nesse contexto, é constituído como uma diversidade tangível da vida material e imaterial, em que a estrutura física “. . . não é a totalidade de corpo; nem o corpo a totalidade da pessoa. . .” (Seeger et al., 1979, p. 11). O corpo é, portanto, o local da vivência social.

Nesse sentido, o corpo adquire diversos significados semânticos, caracterizados por uma ontologia chamada de multinaturalismo ou perspectivismo por Viveiros de Castro (2002, p. 347), em que “. . . o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas que o apreendem segundo pontos de vista distintos”. Assim, a corporalidade implica a fluidez cosmológica dos seres, dependendo da agência a que estão submetidos, sendo eles pessoas, animais, seres sobrenaturais ou coisas.

No que tange à aplicação das teorias etnológicas à arqueologia, os materiais arqueológicos, como os vasilhames e as próprias estatuetas cerâmicas, podem ser interpretados como corpos humanos ou de animais. Muitos deles possuem traços da corporalidade física destes seres, como os olhos e a boca, com alguns, inclusive, dotados de alma e consciência, podendo ser agenciados como pessoas

(Santos-Granero, 2012; Barreto, 2014). Assim, o corpo é o lugar da experiência vivida, compartilhada pelo grupo, gerando identidades sociais, pois “. . . Today, the body as a site of lived experience, a social body, and site of embodied agency, is replacing prior static conceptions of an archaeology of the body as a public, legible surface” (Joyce, 2005, p. 139).

RESULTADOS

Os sítios pesquisados que sofreram intervenção a partir de coleta de superfície foram Armíndio (ARM), Boca do Rio (BR), Caboclo (CAB), Lago do Sousa (SOU), Cabeludo (CBL) e Formoso (FOR), localizados na bacia hidrográfica do rio Turiaçu e o último foi encontrado na bacia do Mearim-Pindaré. Todos estes sítios estão datados entre 800 e 1000 AD, sendo o Lago do Souza uma exceção, datado do início da era cristã (Tabela 1). A fim de corroborar a amostragem, os exemplares do Museu Nacional coletados por Raimundo Lopes nos sítios do Turiaçu, e que foram estudados por Costa et al. (2016), também compuseram este estudo.

Uma vez que há um grande número de exemplares, opta-se por descrever somente aqueles que tenham integridade perceptível das categorias, neste caso, as que apresentam elementos corporais identificáveis. No entanto, os demais fragmentos com unidades mínimas de identificação também foram computados para fins estatísticos, mas não aparecem no Apêndice 1. Ao todo, portanto, o *corpus* de estatuetas apresentadas neste artigo corresponde a 74 exemplares, sendo 62 antropomorfos, quatro antropozoomorfos e oito zoomorfos. Com relação à metodologia de coleta de superfície, à medida em que os esteios eram mapeados e georreferenciados, os objetos ao redor dos esteios eram também coletados, para que se formasse uma coleção arqueológica. Desse modo, se poderia estudar a variabilidade artefactual desses assentamentos, buscando criar quadros hipotéticos de ocupação do território, de inserção na paisagem e das formas dos vasilhames cerâmicos, com o intuito de inferir os usos sociais (Navarro, 2017, 2018a, 2018b; Navarro & Silva Júnior, 2019).

Tabela 1. Datações radiocarbônicas realizadas em esteios.

Nome do sítio	Datação convencional	Data calibrada (2 sigma)	Data do calendário (2 sigma)	Número Beta Analytic
Estearias do Rio Turiaçu				
Armíndio	930 ± 30 BP	905-865 BP	1045-1085 AD	404757
Boca do Rio	1150 ± 30 BP	1065-995 BP	885-995 AD	406836
Caboclo	1120 ± 30 BP	1055-1015BP	895-935 AD	406835
Cabeludo	1160 ± 30 BP	1065-960 BP	885-990 AD	430864
	1200 ± 30 BP	1112-968 BP	838-982 AD	458479
	1020 ± 30 BP	934-798 BP	1016-1152 AD	492361
	1050 ± 30 BP	963-899 BP	987-1051 AD	458480
	1130 ± 30 BP	1058-932 BP	892-1018 AD	515391
	930 ± 30 BP	844-730 BP	1106-1220 AD	515390
	1080 ± 30 BP	984-905 BP	966-1045 AD	522023
Lago do Souza	1950 ± 30 BP	1926-1785 BP	24-165 AD	492358
	1820 ± 30 BP	1785-1775 BP	165-175 AD	430862
	1990 ± 30 BP	1938-1830 BP	12-120 AD	515392
Estearias do Pindaré-Mearim (Cajari)				
Formoso	1190 ± 30 BP	1094-962 BP	856-988 AD	512409
	1130 ± 30 BP	1058-932 BP	892-1018 AD	512408
	1300 ± 30 BP	1270-1088BP	680-862 AD	576496
	1330 ± 30 BP	1292-1172BP	658-778 AD	576497
	1300 ± 30 BP	1270-1088BP	680-862AD	576498
	1190 ± 30 BP	1094-962BP	856-988AD	576499
	1210 ± 30 BP	1118-978BP	832-972AD	576500

Embora esses artefatos não tenham sido obtidos a partir de escavações estratigráficas, há o controle da procedência e do local exato do registro da planta do sítio, o que pode oferecer subsídios de análise comparativa entre os sítios arqueológicos, por meio das diferenças e das semelhanças da variabilidade desse tipo de artefato. Isso também ocorre na maioria dos casos das coleções de estatuetas estudadas pelos diversos pesquisadores apresentados neste artigo, o que, portanto, não impossibilita as análises.

Ressalta-se, pelos motivos já descritos, a inviabilidade da descrição de todos os atributos da variabilidade artefactual. Somente aqueles elementos diagnósticos de maior destaque tiveram ênfase neste trabalho. A partir da discussão sobre a arqueologia do corpo, a descrição contemplou: 1) a variabilidade artefactual tecno-estilística de cada conjunto identificável pelo pesquisador, com os elementos definidos

como antropomorfos, antropozoomorfos e zoomorfos; 2) as estatuetas foram descritas a partir de sua sigla e seu número de catalogação, seguido de seus atributos formais, obedecendo à estrutura corporal, a saber: cabeça, tronco e membros; 3) tipo de manufatura, com alusão ao tipo de queima, se acordelado, alisado, moldado ou modelado, se oco ou compacto; 4) características técnico-tipológicas, como os tipos de antiplásticos, se há presença de incisão e excisão, de pintura e demais elementos constitutivos da peça; 5) fotografias de frente e, quando possível (por causa da integridade das peças), do verso e de perfil foram apresentadas no caso dos exemplares mais representativos; 6) no caso dos exemplares inteiros, a medida da altura e da largura foi fornecida.

A análise tecno-tipológica e o estudo da figuração dos corpos das estatuetas das estearias revelaram as informações descritas no Apêndice 1.

povos ameríndios. Além disso, alguns exemplares, como os evidenciados nas estatuetas CBL 104 e ARM1 407 (Apêndice 1), possuem um coque atrás da cabeça que é parecido com aquele usado pelos indivíduos figurados em urnas funerárias Maracá (Meggers & Evans, 1957). Embora mais tardias, a figuração das urnas Maracá pode indicar que os povos das estearias participaram de fluxos estilísticos mais amplos no baixo Amazonas (Figura 7).

Na Tabela 2, pode-se notar que a maioria das estatuetas analisadas neste artigo é antropomorfa, seguidas dos tipos antropozoomorfo e zoomorfo.

A análise formal possibilitou fazer as seguintes comparações: as estatuetas antropomorfas representam 83,7% da coleção, geralmente, apresentando mulheres com a figuração do sexo, sendo alguns desses objetos chocalhos. As estatuetas antropozoomorfas correspondem a 5,4% dos exemplares e evidenciam, em geral, o ser humano com cabeça de coruja; e também são chocalhos e nem sempre trazem a representação do sexo. Já os exemplares zoomorfos correspondem a 10,8% da coleção e destacam-se pelas figurações de coruja e macaco (Figura 8).

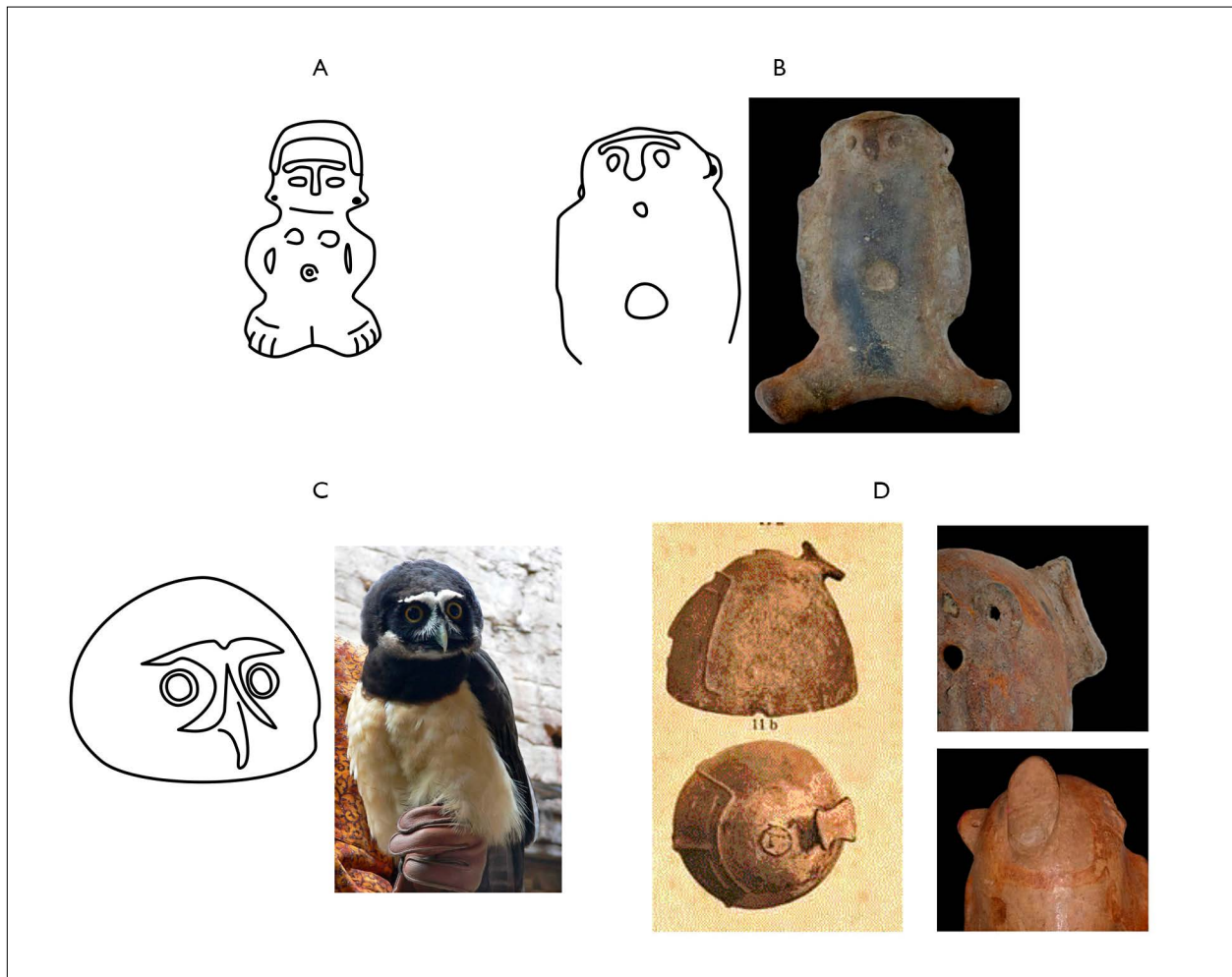


Figura 7. A e B) Típico T nas estatuetas marajoara e estearias; C) espécie de coruja figurada; D) coque na urna maracá e estearia. Fonte: acervo do LARQ-UFMA e Goeldi (1898).

Tabela 2. Tipologia das estatuetas das estearias.

Sítio arqueológico	Quantidade e percentual			Total por sítio e percentual
	Antropomorfa	Antropozoomorfa	Zoomorfa	
Armíndio	41	3	4	48 – 64,86%
Boca do Rio	9	-	2	11 - 14,86%
Cabeludo	3		1	4 - 5,4%
Caboclo	3	-	-	3 – 4,05%
Lago do Sousa	1	-	-	1 – 1,35%
Museu Nacional	4	1	1	6 – 8,1%
Formoso	1	-	-	1 – 1,35%
Total de sítios	62 – 83,7%	4 – 5,4%	8 – 10,8%	74

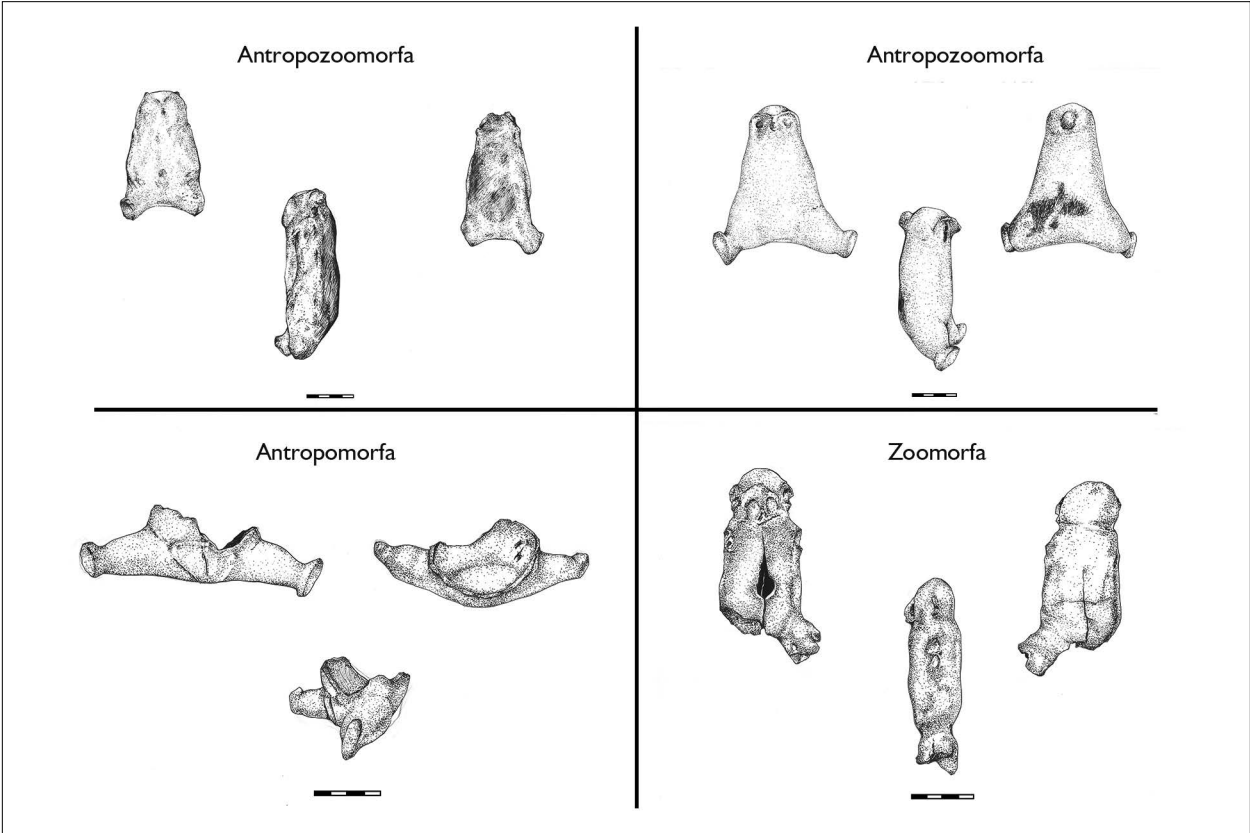


Figura 8. Desenhos esquemáticos dos tipos de estatuetas. Fonte: acervo do LARQ-UFMA.

Esta análise propiciou vislumbrar quatro tipos de fabricação do corpo: 1) figuração humana individualizada; 2) figuração humana com pintura corporal, escarificações ou tatuagens e deformações corporais nas pernas pelo uso

de adornos do tipo jarreteira; 3) figuração transmutacional do corpo, evidenciada pelo hibridismo corporal entre seres humanos e animais, e capacidade agentiva das estatuetas-chocalho; e 4) figurações zoomorfas.

Com relação ao primeiro tipo, as estatuetas com figuração humana que não remetem a características metamórficas e agentivas parecem figurar seres individualizados na sociedade palafítica, assim como também constatou Barreto (2014) e Schaan (2001a), com base nas estatuetas marajoaras. Por outro lado, o exemplar FOR (0601) (Apêndice 1) apresenta pintura corporal abstrata em cor preta, que pode se referir a *status* sociais, como o pertencimento a determinados clãs, aos tipos de rituais ou, ainda, ao pertencimento a grupos sociais específicos (Schaan, 2001a; Müller, 2000) (Figura 9). Essa forma de figurar o corpo refere-se também a um sistema de comunicação visual que evidencia a socialização dele em práticas culturais de uma determinada coletividade (Vidal, 2000b).

Já em relação ao segundo grupo, chamam a atenção alguns exemplares com uma deformação intencional nas pernas, possivelmente pelo uso de jarreteiras (Figura 10). A partir da comparação etnográfica, durante os rituais da menarca entre os Kalapalo, um grupo Karib, as meninas têm os tendões abaixo do joelho amarrados, provocando o aumento de volume da perna. Formam-se, então, bulbos em suas panturrilhas na fase da puberdade, provocando uma estética agradável para esse grupo indígena (Lima, 2011). Assim, as panturrilhas ficam mais vistosas, exatamente como pode ser observado em alguns exemplares de estatuetas estudadas neste artigo, a saber ARM1 377, ARM 552, ARM1 455, ARM1 098 e CAB 02 (Apêndice 1).

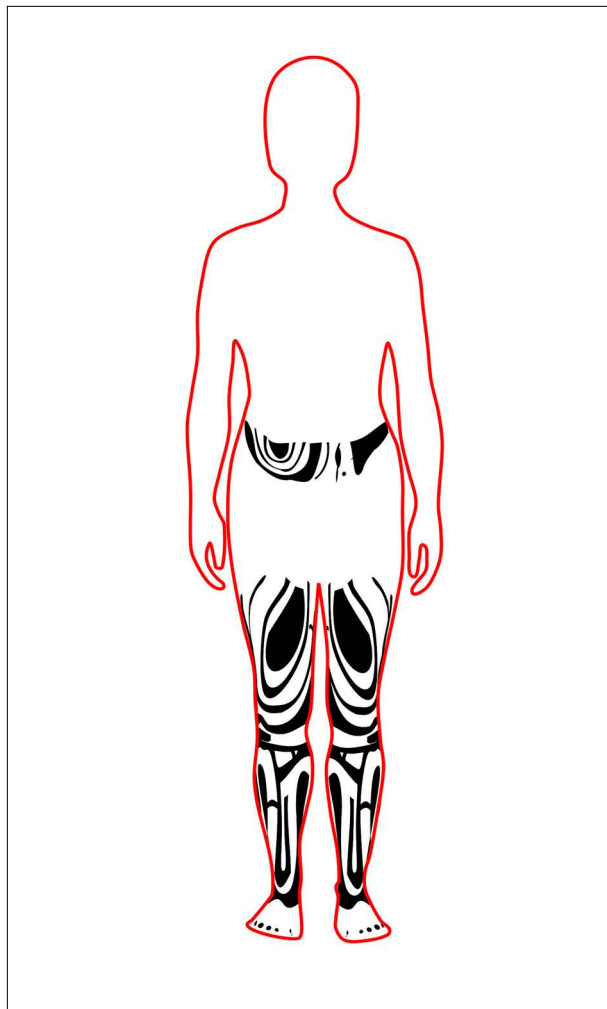


Figura 9. Reprodução da pintura corporal do fragmento FOR (0601). Fonte: acervo do LARQ-UFMA.



Figura 10. Jarreteiras presentes nas pernas das estatuetas. Fonte: acervo do LARQ-UFMA.

Segundo Métraux (1930), as jarreteiras são uma característica marcante dos grupos Karib. Esse modo de fabricar o corpo também é perceptível no caso de algumas urnas funerárias maracás (Guapindaia, 2008).

No entanto, na coleção estudada, destacam-se as estatuetas antropomorfas que apresentam uma perspectiva transmutacional do corpo. São elas as estatuetas-chocalho, como os exemplares BR 58, CBL 104, CBL 147 e ARM 546, e aquelas em que há uma clara associação na fabricação de corpos híbridos de seres humanos e animais, como os exemplares ARM 60, ARM 64, ARM1 407 e CAB 151 (Apêndice 1). Este modo de figurar o corpo nas sociedades amazônicas é construtivista, como bem lembrou Santos-Granero (2012). Nesse sentido, possivelmente, o significado do conjunto destas estatuetas é o xamânico, assim como pontuaram Roosevelt (1988), Gomes (2001), Schaan (2001a, 2001b) e Barreto (2014, 2017) para as estatuetas amazônicas em geral.

Logo, o xamanismo é um “. . . sistema coerente de creencias y prácticas religiosas, que trata de organizar y explicar las inter-relaciones entre el cosmos, la naturaleza y el hombre” (Reichel-Dolmatoff, 1988, p. 23). O xamã, nesse contexto, é quem tem um conhecimento sensível das ações humanas sobre a natureza, como os curandeiros e rezadeiras que, a partir das tradições mitológicas, atuam sobre os cosmos através de danças, cantos e reuniões coletivas, momentos em que essa narrativa se consagra e se perpetua na memória social do grupo.

Práticas xamanísticas com estatuetas foram registradas por Basso (1973), entre os grupos Karib e Arawak; para os mesmos grupos, Carneiro (1982) e Gregor (1977) etnografaram o uso de estatuetas para o reestabelecimento da saúde do enfermo. Stahl (1986) atribui a hibridez de seres humanos e animais das estatuetas xamânicas aos rituais com uso de substâncias alucinógenas que presenciou na América do Sul, uma vez que “. . . the figurines may have served as mundane abodes for summoned spirits within the context of an analogous prehistoric religion” (Stahl, 1986, p. 146).

As estatuetas-chocalho, por sua vez, possuem bolotas de argila em seu interior, sugerindo o uso como maracás. Zerries (1981, p. 11) assinala que o maracá sempre foi o instrumento xamânico mais importante nas culturas das terras baixas da América do Sul não andinas, uma vez que “. . . el ruido de las piedritas o semillas en su interior es interpretado como la voz de los espíritus y las piedras e sí como su manifestación”. Recentemente, Barreto (2014) chamou atenção para a capacidade agentiva de produzir o som destes artefatos, os quais possivelmente eram usados pelos xamãs em rituais de cura.

Etnograficamente falando, o maracá é feito a partir de uma cuia e está associado a um instrumento musical que, no caso dos Xikrin, revela a coesão social do grupo indígena, uma vez que é:

. . . redondo como o universo, como as aldeias circulares, como o círculo dos homens sentado no conselho, à noite, no meio do pátio, apontando na sua verticalidade para o céu, morada dos antigos em tempos primordiais e morada das aves, criadas e invejadas pela humanidade terrestre (Vidal, 2000a, p. 130).

Estatuetas têm a forma alongada de uma cuia e também podem ser alusão a estes recipientes. O maracá como agência pode, desse modo, figurar o corpo de uma gestante por meio do formato redondo do artefato. Assim, as pedrinhas de chocalho podem ser “. . . o sêmen masculino ou a vida dentro do útero materno” (Barreto, 2014, p. 67). A estatueta ARM1 376 parece estar grávida, com suas mãos sobre o ventre (Apêndice 1). Vale observar, aqui, a energia fluida da gravidez (Lagrou, 2007), uma vez que o ânus retratado nesse exemplar, assim como a boca, seria um orifício ou um tubo corporal por onde podem entrar e sair substâncias, um canal de energia sinestésica, como postulou Hugh-Jones (2017).

O maracá, portanto, faz parte da parafernália xamânica porque é capaz de emitir som, forma de comunicação presente entre os diferentes mundos onde o xamã atua. Esses instrumentos sonoros estão presentes em grande parte dos registros etno-históricos do período

colonial na região do Maranhão, a exemplo das obras de Daniel (2004), D'Abbeville (2008 [1614]) e D'Évreux (2007 [1864]), e também foram etnografados por antropólogos do início do século XX (Nimuendajú, 1941), como observam alguns relatos, por exemplo o que segue, neste caso, entre os Tupi do Maranhão:

Para dançar usam apenas a cantoria. Para observar a cadência e marcar o compasso, usam um instrumento ou chocalho chamado maracá; é feito de um fruto pequeno, alongado e semelhante a um melão de tamanho médio, mas inteiramente liso; esse fruto cresce na região, e dentro dele colocam os índios inúmeros grãosinhos pretos e muito duros (D'Abbeville, 2008 [1614], p. 237).

Em uma análise feita por meio de microscópio de varredura RAMAN, pôde-se perceber que, dentro da estatueta-coruja correspondente ao exemplar ARM1 454 (Apêndice 1), foram colocadas sete pequenas bolotas de argila dentro de sua cabeça (Figura 11). Chama a atenção a forma de confecção do artefato. Obedecendo à tecnologia de modelado empregada, a colocação das bolotas de argila na cabeça do exemplar deveria ter ocorrido através da base da cabeça, que depois seria fechada. Mas a microscopia de varredura RAMAN mostrou que as bolotas foram introduzidas pela boca, após a base da cabeça ter sido selada (Figura 12). Por que a boca? Novamente, mencionamos a sinestesia proposta por Hugh-Jones (2017). Entende-se que esse processo não obedeceu à tecnologia esperada, e sim ao cognitivo, cuja boca é uma das expressões do poder xamânico, um tubo sinestésico por onde a energia viaja. Desse modo, o poder de cura se dá também pela fala do xamã. Nesse sentido, sobre os pajés no Maranhão colonial, D'Évreux (2007 [1864], p. 237) relatou que "... seu instrumento é somente a voz, tão estranha aos que não estão acostumados".

Com relação ao último conjunto de estatuetas, as zoomorfas, esta categoria parece aludir à fabricação do corpo figurando seres auxiliares xamânicos não humanos. No conjunto apresentado, as aves e os mamíferos se destacaram. Com relação às estatuetas de macaco (ARM

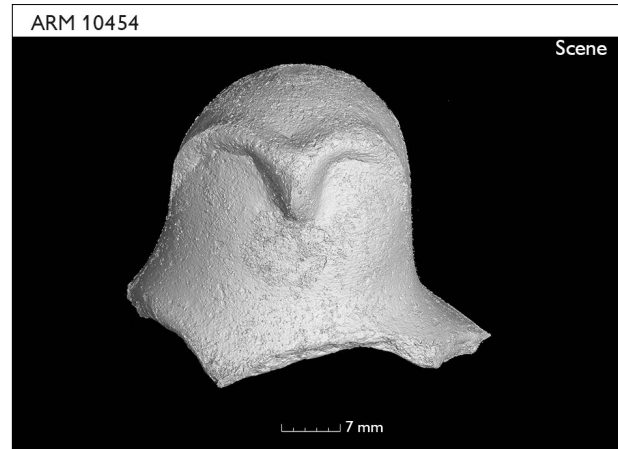


Figura 11. As bolotas de argila foram inseridas pela boca do artefato. Fonte: acervo do LARQ-UFMA.

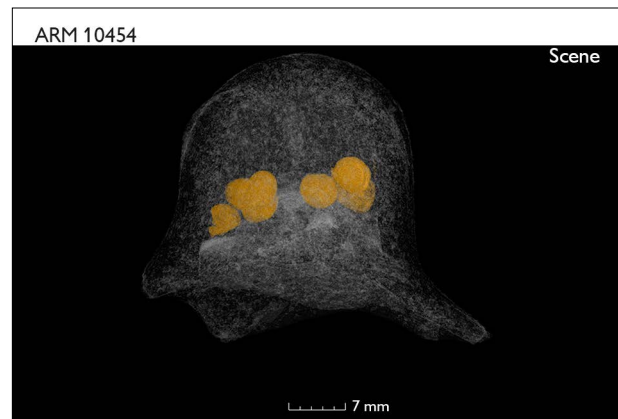


Figura 12. RAMAN em estatueta evidenciando bolotas de argila em seu interior. Fonte: acervo do LARQ-UFMA.

61 e CBL 15 – Apêndice 1), esta última figura um possível macaco-da-noite (*Aotus infulatus*), que, segundo Navarro e Silva Júnior (2019), possui olhos conspícuos para captar a luz noturna, ou seja, enxerga muito bem na escuridão. A visão pronunciada é uma característica xamânica *per se*. Além disso, possui um orifício na região do umbigo, indicando um possível uso para aspersão de alucinógenos – que bem poderia ter sido consumido pelo xamã –, como os de aplicação de inaladores, documentados etnograficamente (Reichel-Dolmatoff, 1972; Porro, 2010).

Quanto às estatuetas de coruja, esta ave é uma auxiliar do xamã, pois lhe permite realizar o que Reichel-

Dolmatoff (1988) chama de 'voo xamânico'. A coruja, neste contexto, seria o animal que ajuda o xamã em seu voo, contribuindo com o desligamento do espírito do corpo humano. Para os Warao, por exemplo, que ainda vivem em palafitas no delta do Orinoco, na Venezuela, os maracás têm forças espirituais, e suas formas humanas lembram o xamã ancestral que visitou o céu na forma de ave, tendo sido dotado com este instrumento o Grande Espírito desses povos da água (Wilbert, 1963). Além disso, destaca-se o aspecto noturno dessa ave. Segundo Schaan (2009), as corujas com traços femininos estão representadas nas urnas funerárias, sendo estas aves, portanto, associadas ao mundo dos mortos. Para Roosevelt (1991), as aves de rapina figuradas em enterramentos secundários estariam relacionadas ao processo de descarnificação dos esqueletos, já que é isso o que estes animais fazem com suas presas na natureza, uma ação necessária para a alma do morto descansar. Por fim, as corujas atuam como animal mensageiro, destacando-se pela grande capacidade de visão, típica característica xamânica. A estatueta ARM 64 possivelmente é a figuração de uma das maiores corujas da Amazônia, o murutucucu, que se caracteriza pelos grandes olhos redondos aplicados, como se estivesse à espreita da presa (Apêndice 1).

Um possível cachorro-do-mato, também identificado por Navarro e Silva Júnior (2019) como *Speothos venaticus*, está figurado em duas peças (BR 055 e BR 056 – Apêndice 1) e pode ser associado ao que Hugh-Jones (1974) chamou de 'cachorro do xamã'. Segundo o referido autor, este mamífero é recorrente nos mitos dos povos de floresta tropical e propiciaria a cura de doenças. Junto da onça, os cachorros-do-mato também seriam animais protetores dos xamãs. Os exemplares aqui estudados estão em posição de estação, ou seja, de ataque.

Nesse sentido, esse grupo específico em que se destaca a agência de animais pode indicar a figuração de seres auxiliares do xamã nos rituais, evidenciando a agência perspectivista e animista destes seres (Descola, 2001; Viveiros de Castro, 2002).

CONCLUSÃO

Este artigo apresentou, pela primeira vez na literatura arqueológica das terras baixas da América do Sul, uma análise inédita das estatuetas das estearias maranhenses. A análise tecno-tipológica e os modos de fabricar o corpo das estatuetas dos povos das estearias revelaram uma história de longa duração, que começa no início da era cristã e se estende até o ano 1000. A partir de uma perspectiva arqueológica regional, apesar da semelhança com o modo de figurar estatuetas com os povos da fase Marajoara, aquelas das palafitas parecem constituir um estilo mais local e próprio. Nesse sentido, alguns traços compartilhados, como o modelado em forma de T na frente de alguns exemplares, revelam movimentos de fluxos estilísticos que estavam operando entre esses grupos. Tais traços possivelmente não se restringiram à ilha de Marajó e parecem estar presentes também em uma esfera de interação social entre diversos povos indígenas que ocuparam o baixo Amazonas.

Os sítios de estearias parecem compreender uma sociedade homogênea do ponto de vista cultural e com identidade bem definida. Os elementos tecno-tipológicos e estilísticos apresentados, como a presença do antiplástico de caco moído em todos os exemplares estudados, ratificam essa unidade cultural, como vem afirmando Navarro (2018a, 2018b).

Assim, o modo de fabricar o corpo entre os povos das estearias está em consonância com a ontologia cosmológica amazônica, que recai sobre o perspectivismo ameríndio e o animismo. Os corpos podem ser pintados, intencionalmente deformados ou, ainda, metamorfozados. Nesse sentido, são fabricados de acordo com a agência da pluralidade de seres que atuam no cosmos, sendo eles humanos, não humano, híbridos e, ao que parece, também sobrenaturais, revelando a importância do xamanismo.

A maioria das estatuetas da coleção do LARQ-UFMA é antropomorfa. Esses exemplares figuram seres individualizados, como as mulheres que possivelmente utilizaram adornos do tipo jarreteiras para deformar as panturrilhas. Assim como foi descrito pela comparação etnográfica, as mulheres

Karib praticavam essa deformação corporal em rituais de puberdade. As estatuetas antropozoomorfas parecem evidenciar processos de metamorfose corporal. As estatuetas-chocalho podem ter sido utilizadas em rituais xamânicos de cura, assim como também revelou a analogia etnográfica. O som parece ter tido um poder agêntivo importante. Já as estatuetas híbridas, com traços humanos e não humanos, também podem evidenciar os modos transmutacionais de figurar o corpo de diferentes seres que povoaram distintos mundos, as quais podem aludir à própria transformação corporal do xamã para alcançar essas esferas a partir do uso de alucinógenos. Por fim, as estatuetas zoomorfas também podem pertencer à parafernália ritual xamânica, uma vez que os animais são os auxiliares dos xamãs em seus diferentes mundos tangíveis. A preferência pela figuração de corujas, um animal noturno e com grande capacidade de visão, é uma alusão dessa metáfora corporal que o ser humano adquire durante os rituais de xamanismo.

Finalmente, a variabilidade artefactual composta pelas estatuetas dos povos das estearias parece figurar os traços identitários que foram fabricados no corpo, local da vivência social. Nesse sentido, as estatuetas legitimam a história das memórias coletivas de um grupo social através do corpo socialmente fabricado.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha maior incentivadora para escrever este artigo, a Profa. Dra. Anna C. Roosevelt, da *University of Illinois at Chicago*. Agradeço ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pela autorização e pelas renovações da coleta arqueológica, através do processo 01494.000442/2013-37. A *Fullbright Commission*, pela bolsa concedida na modalidade *Visiting Professor Award*, na *University of Illinois at Chicago*. Às instituições onde pesquisei: *Smithsonian Institution* (Washington), *Penn Museum* (Filadélfia) e *American Museum of Natural History* (Nova York), onde pude consultar as estatuetas marajoaras e santarenas. À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

do Estado do Maranhão (FAPEMA), pela concessão de diversos editais que fomentaram as pesquisas das estearias. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de produtividade (processo 303620/2021-8). Ao Prof. Dr. José de Sousa Silva Júnior, zoólogo do Museu Paraense Emílio Goeldi, agradeço pela identificação das espécies *Aotus infulatus* e *Speothos venaticus* figurando estatuetas zoomorfas. Ao Prof. Dr. Heimo Mikolla, zoólogo da *University of Eastern Finland*, quem me ajudou na identificação da espécie *Pulsatrix perspicillata*, que figura várias estatuetas zoomorfas e antropomorfas. Aos Profs. Dr. Taran Grant e Miguel Trefault, zoólogos da Universidade de São Paulo (USP), pela análise de varredura em microscopia RAMAN. Ao museólogo Helder Bello de Mello (LARQ-UFMA), pelo zeloso trabalho de catalogação das peças. À Mayara Dias, colaboradora do LARQ-UFMA, pelo esmero no trabalho de diagramação das estatuetas. Estendo meus agradecimentos à Dra. Cristiana Barreto, aos pareceristas anônimos e a Secretaria do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, que contribuíram para o aperfeiçoamento do manuscrito.



REFERÊNCIAS

- Almeida, F. O. (2016). Arqueologia dos Tupi-Guarani no baixo Amazonas. In C. Barreto, H. Lima & C. Betancourt (Orgs.), *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese* (pp. 171-182). IPHAN.
- Barreto, C. N. G. B. (2009). *Meios místicos de reprodução social: Arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].
- Barreto, C. N. G. B. (2014). *Corpo e identidade na Amazônia antiga: Um estudo comparativo de estatuetas cerâmicas*. https://www.academia.edu/37601984/CORPO_E_IDENTIDADE_NA_AMAZ%C3%94NIA_ANTIQA_UM_ESTUDO_COMPARATIVO_DE_ESTATUETAS_CER%C3%82MICAS_Relat%C3%B3rio_final_de_projeto_de_pesquisa_de_p%C3%B3s_doutorado_Outubro_2014_Museu_de_Arqueologia_e_Etnologia_UNIVERSIDADE_DE_S%C3%83O_PAULO
- Barreto, C. N. G. B. (2016). O que a cerâmica Marajoara nos explica sobre fluxo estilístico na Amazônia?. In C. Barreto, H. Lima & C. Betancourt (Orgs.), *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese* (pp. 115-124). IPHAN.

- Barreto, C. N. G. B. (2017). Figurine Traditions from the Amazon. In T. Insoll (Ed.), *The Oxford Handbook of Prehistoric Figurines* (pp. 1-26). Oxford University Press.
- Basso, E. B. (1973). *The Kalapalo Indians of Central Brazil*. Holt, Rhinehart & Winston.
- Campos, S. L. (2002). Bonecas Karajá: Apenas um brinquedo?. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 12, 233-248. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2002.109451>
- Carneiro, R. L. (1982). Dwellers of the rainforest. In R. S. Bennett (Ed.), *Lost Empires Living Tribes* (pp. 283-323). National Geographic Society.
- Corrêa, C. G. (1965). *Estatuetas de cerâmica na cultura Santarém* (Publicações Avulsas, No. 4). Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Costa, A. F., Hissa, S. B. V., Azevedo, L. W., Tramasoli, F., & Amatuzzi, L. J. (2016). O universo cotidiano e simbólico da cerâmica das estearias: Uma análise da Coleção Raimundo Lopes (MN-UFRJ). *Revista de Arqueologia*, 29(1), 161-187. <https://doi.org/10.24885/sab.v29i1.447>
- D'Abbeville, C. (2008 [1614]). *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão*. Conselho Editorial do Senado Federal.
- Daniel, J. (2004). *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*. Contraponto.
- Descola, P. (2001). *Naturaleza y sociedad: perspectivas antropológicas*. Siglo Veintiuno.
- D'Évreux, Y. (2007 [1864]). *Continuação da História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614*. Senado Federal. https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580734/000805923_Historia_Maranhao_1613-1614.pdf
- Ember, C. R., Ember, M., & Peregrine, P. N. (2004). *Antropología*. Pearson Prentice Hall.
- Goeldi, E. (1898). O estado actual dos conhecimentos sobre os índios do Brasil, especialmente sobre os índios da foz do Amazonas no passado e no presente. *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*, 2(4), 397-417.
- Gomes, D. M. C. (2001). Santarém: Symbolism and power in the tropical forest. In C. McEwan, C. Barreto & E. G. Neves (Eds.), *Unknown Amazon, Culture and Nature in Ancient Brazil* (pp. 134-154). The British Museum Press.
- Gomes, D. M. C. (2019). La comprensión de otros mundos: Teoría y método para analizar imágenes ameríndias. *Revista Kaypunko de Estudios Interdisciplinarios de Arte y Cultura*, 4, 69-99.
- Gregor, T. (1977). *Mehinaku*. University of Chicago Press.
- Guapindaia, V. L. C. (2008). *Além da margem do rio: A ocupação konduri e pocó na região de porto trombetas, PA*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].
- Hugh-Jones, S. (1974). *Barasana Initiation: Male initiation and cosmology among the Barasana Indians of the Vaupés Area of Colombia*. Cambridge University.
- Hugh-Jones, S. (2017). Body tubes and Synaesthesia. *Mundo Amazónico*, 8(1), 27-78. <https://doi.org/10.15446/ma.v8n1.64299>
- Insoll, T. (Ed.). (2017). *The Oxford Handbook of Prehistoric Figurines*. Oxford University Press.
- Joyce, R. A. (2005). The Archaeology of the Body. *Annual Review of Anthropology*, 34, 139-158. <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.33.070203.143729>
- Lagrou, E. M. (2007). *The big drink: Feast and Forum in the Upper Amazon*. TopBooks.
- Lima, M. S. (2011). *A educação escolar indígena no Alto Xingu: O processo de escolarização dos Kalapalo da aldeia Aiha no período de 1994-2010* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Lopes, R. (1924). A civilização lacustre do Brasil. *Boletim do Museu Nacional*, 1(2), 87-109.
- Megggers, B. J., & Evans, C. (1957). Archeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bureau of American Ethnology*, 167.
- Métraux, A. (1930). Contribution a l'étude de l'archéologie du cours supérieur et moyen de l'Amazonie. *Revista del Museo de la Plata*, 32, 145-185.
- Mikkola, H. J. (2020). Diversity of the owl species in the Amazon Region. In H. J. Mikkola (Ed.), *Ecosystem and Biodiversity of Amazonia* (pp. 107-119). University of Eastern Finland.
- Müller, R. P. (2000). Mensagens visuais na ornamentação Xavante. In L. Vidal (Org.), *Grafismo Indígena: Estudos de antropologia estética* (pp. 133-142). Studio Nobel.
- Navarro, A. G. (2017). As cidades lacustres do Maranhão: As estearias sob um olhar histórico e arqueológico. *Diálogos*, 21(3), 126-142.
- Navarro, A. G. (2018a). New evidence for the late first millennium AD stilt-house settlements in Eastern Amazonia. *Antiquity*, 92(366), 1586-1603. <https://doi.org/10.15184/aqy.2018.162>
- Navarro, A. G. (2018b). Morando no meio dos rios e lagos: Mapeamento e análise cerâmica de quatro estearias do Maranhão. *Revista de Arqueologia*, 31(1), 73-103. <https://doi.org/10.24885/sab.v31i1.535>




- Navarro, A. G. (2020). Ecology as cosmology: Animal myths of Amazonia. In H. Mikkola (Ed.), *Ecosystem and Biodiversity of Amazonia* (pp. 1-13). University of Eastern Finland.
- Navarro, A. G., Costa, M. L., Silva, A. S. N. F., Angélica, R. S., Rodrigues, S. S., & Gouveia Neto, J. C. (2017). O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: Estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 12(3), 869-894. <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300012>
- Navarro, A. G., & Silva Júnior, J. S. (2019). Cosmologia e adaptação ecológica: O caso dos apliques-mamíferos das estearias maranhenses. *Anthropológicas*, 30(2), 203-233. <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2019.240627>
- Navarro, A. G., & Prous, A. (2020). Os muiraquitãs das estearias do lago Cajari depositados no Museu Nacional (RJ): Estudo tecnológico, simbólico e de circulação de bens de prestígio. *Revista de Arqueologia*, 33(2), 66-91. <https://doi.org/10.24885/sab.v33i2.742>
- Neves, E. G. (2016). Não existe neolítico ao sul do Equador: As primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura. In C. Barreto, H. P. Lima & C. J. Betancourt (Orgs.), *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese* (pp. 32-39). IPHAN.
- Nimuendajú, C. (1941). *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. IBGE.
- Palmatary, H. C. (1950). The Pottery of Marajo Island, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*, 39(3), 261-470.
- Palmatary, H. C. (1960). The archaeology of the lower Tapajos Valley, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*, 50.
- Porro, A. (2010). Arte e simbolismo xamânico na Amazônia. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 5(1), 129-144. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222010000100009>
- Reichel-Dolmatoff, G. (1972). The cultural context of an aboriginal hallucinogen: Banisteriopsis Caapi. In P. T. Furst (Ed.), *Flesh of the Gods: The ritual use of hallucinogens* (pp. 84-113). Praeger.
- Reichel-Dolmatoff, G. (1988). *Orfebrería y chamanismo: Un estudio iconográfico del Museo del Oro*. Editorial Colina.
- Roosevelt, A. C. (1988). Interpreting certain female images in prehistoric art. In V. Miller (Ed.), *The Role of gender in Pre-Columbian art and architecture* (pp. 1-34). University Press of America.
- Roosevelt, A. C. (1991). *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical archaeology on Marajo Island, Brazil*. Academic Press.
- Santos-Granero, F. (2012). Introducción. In F. Santos-Granero (Ed.), *La vida oculta de las cosas: Teorías indígenas de la materialidad y la personificación* (pp. 13-54). Ediciones Abya-Yala.
- Schaan, D. P. (2001a). Estatuetas antropomorfas Marajoara: O simbolismo de identidades de gênero em uma sociedade complexa amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 17(2), 437-477.
- Schaan, D. P. (2001b). Into the labyrinths of Marajoara Pottery: Status and cultural identity in prehistoric Amazonia. In C. McEwan, C. Barreto & E. G. Neves (Eds.), *Unknown Amazon* (pp. 108-133). British Museum.
- Schaan, D. P. (2009). *Cultura Marajoara*. SENAC.
- Seeger, A., Matta, R., & Viveiros de Castro, E. (1979). A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional. Série Antropologia*, 32, 2-19.
- Stahl, P. W. (1986). Hallucinatory imagery and the origin of early South American Figurine Art. *World Archaeology*, 18(1), 134-50.
- Turner, T. S. (1980). The social skin. In J. Chermas & R. Lewin (Eds.), *Not work alone* (pp. 112-140). Sage.
- Vidal, L. B. (2000a). Ngôkon: Maracá ou Chocalho dos Kayapó-Xikrin. In J. P. Brito (Org.), *Os índios e nós* (pp. 130-133). Museu Nacional de Etnologia.
- Vidal, L. B. (2000b). A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In L. Vidal (Ed.), *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética* (pp. 143-189). Studio Nobel.
- Viveiros de Castro, E. (2002). *A inconstância da alma selvagem*. Cosac & Naif.
- Wilbert, J. (1963). Vestidos y ornamentos de los Indios Warao. *Antropologica* 12(1), 6-26.
- Zerries, O. (1981). Atributos e instrumentos do Xamã na América do Sul não-andina e seu significado. In T. Hartmann & V. Penteadó (Orgs.), *Contribuições a Antropologia em homenagem ao Prof. Egon Schaden* (Coleção Museu Paulista, Série Ensaios, Vol. 4, pp. 319-360). Museu Paulista.

Apêndice 1. Tipologia das estatuetas. Crédito das imagens: acervo do LARQ-UFMA e Costa et al. (2016). (Continua)

Classificação tipológica		Siglas dos sítios e número do registro	
Estatuetas antropomorfas (62 exemplares)		ARM 62, ARM 63, ARM 64, ARM 142, ARM 192, ARM 199, ARM 273, ARM 274, ARM 199, ARM 551, ARM 552, ARM 546, ARM 547, ARM 548, ARM 549, ARM 551, ARM 552, ARM 692, ARM 790, ARM 821, ARM 098, ARM 131, ARM 368, ARM 131, ARM 370, ARM 371, ARM 372, ARM 373, ARM 374, ARM 375, ARM 376, ARM 377, ARM 378, ARM 382, ARM 383, ARM 384, ARM 408, ARM 454, ARM 455, ARM 456, ARM 458, ARM 459, BR 37, BR 57, BR 58, BR 59, BR 93, BR 1096, BR 1097, BR 1098, BR 1101, CBL 104, CBL 147, CBL 791, CAB 01, CAB 02, CAB 03, SOU 010, MN 02, MN 03, MN 04, MN 05, FOR (601)	
Estatuetas antropomozoomorfas (4 exemplares)		ARM 60, ARM 64, ARM 407, MN 01	
Estatuetas zoomorfas (8 exemplares)		ARM 61, ARM 271, ARM 099, ARM 454, BR 055, BR 056, CBL 15, MN 06	
Análise formal dos exemplares mais representativos			
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais	
ARM 62	 <p>ARM 62</p> <p>Estatueta feminina fragmentada, acordelada e modelada, oca, com antiplástico de caco moldo, alisada e submetida à queima redutora.</p>	O exemplar figura o sexo feminino. Possui vulva e vagina figurada por uma incisão. Está sentada, com as duas pernas abertas, sendo representados os pés sem os dedos.	
ARM 692	 <p>ARM 692</p> <p>Estatueta fragmentada acordelada e modelada, com antiplástico de caco moldo, alisada e submetida à queima redutora. Do lado interno da peça, pode-se visualizar a marca do modelado que une a cabeça ao corpo, indicando que a mesma foi confeccionada separadamente, sendo depois acrescentada ao corpo. Há vestígios de pintura vermelha.</p>	Possui olhos e boca incisos, um filete aplicado no nariz e nas sobrelhas que se unem, formando um T. Há dois ponteados marcando as narinas. A presença de um botoque no queixo ou um tembetá indica o sexo masculino.	

Apêndice 1.

(Continua)




Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
ARM 821	 <p>ARM 821</p> <p>Estatueta fragmentada acordelada e modelada com antiplástico de caco móido, alisada e submetida à queima redutora. Apresenta marcas de queima.</p>	Possui uma cabeça arredondada, com olhos modelados incisos em forma de grãos de café e boca incisa. Fletos modelados formam as sobrançelas, que se unem até o nariz, formando um T.
ARM1 372	 <p>ARM1 372</p> <p>Estatueta fragmentada acordelada e modelada, oca, com antiplástico de caco móido e carapê, alisada e submetida à queima redutora.</p>	O exemplar figura uma cabeça, arredondada, com olhos incisos e narinas formadas por ponteados. As sobrançelas são modeladas por um filete aplicado, formando um arco pelo rosto. A orelha direita em formato de espiral é modelada por um filete aplicado.
ARM1 375	 <p>ARM1 375</p> <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, com antiplástico de caco móido e carapê, alisada e submetida à queima redutora.</p>	O exemplar figura o sexo feminino, com o corpo sem a cabeça. O tronco é volumoso e arredondado, indicando uma possível gravidez. O umbigo é modelado em depressão. A vagina está figurada por uma incisão e a vulva, volumosa, está presente. O ânus também está representado. Os braços estão fletidos sobre o abdômen e os dedos da mão estão representados em forma de incisão. O exemplar está sentado, com as pernas abertas, cujos pés estão figurados.

ESTATUETAS ANTROPOMORFAS






Apêndice 1.

(Continua)

Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
ARM1 376	 <p>ARM1 376</p> <p>Estatueta feminina fragmentada, acordelada e modelada, oca, com antiplástico de caco moído, alisada e submetida à queima redutora. Apresenta marcas de queima.</p>	<p>A estatueta figura o sexo feminino. O tronco é volumoso, com a presença de umbigo modelado em depressão e vagina incisa. As pernas estão abertas, mas somente existe a esquerda, cujo pé apresenta dedos incisos.</p>
ARM1 377	 <p>ARM1 377</p> <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, com antiplástico de caco moído, alisada e submetida à queima redutora. Apresenta marcas de queima.</p>	<p>Estatueta sem a indicação do sexo. Ausência da cabeça. Apresenta umbigo modelado em depressão. Os braços estão fletidos sobre o ventre. Está sentada, e as pernas estão abertas, com presença dos pés. Apresenta pernas bulbosas, indicando possível uso de adornos que provocaram esta deformação corporal.</p>
ARM1 459	 <p>ARM1 459</p> <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, com antiplástico de caco moído e caraipe, alisada e submetida à queima redutora.</p>	<p>Figura uma cabeça com olhos modelados e incisos, e nariz modelado por meio de aplicação de um filete. A boca também é modelada e incisa. Há uma carena na face externa.</p>

Apêndice 1.

(Continua)




Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
BR 57	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, com antiplástico de aco moldo, alisada e submetida à queima redutora. Apresenta marcas de queima.</p>	Figura uma cabeça com aplicação de um filete modelado, que une as sobrancelhas e o nariz, formando um T. Os olhos são modelados com depressão. As narinas estão representadas por dois ponteados. A boca é modelada e incisa.
BR 58	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, com antiplástico de caco moldo, alisada e submetida à queima redutora.</p>	Figura uma cabeça com pescoço, olhos modelados em depressão, boca incisa, nariz modelado com dois ponteados e orelhas modeladas. Possui bolotas de argila em seu interior, indicando uso como chocalho.
CBL 104	 <p>Estatueta feminina fragmentada, acordelada e modelada, oca, com antiplástico de caco moldo, alisada e submetida à queima redutora.</p>	Figura uma cabeça com olhos modelados e aplicados em forma de botão. O nariz, modelado, é alongado; a boca é incisa e modelada, e as orelhas, também modeladas, possuem um orifício que possivelmente foi utilizado para uso de um adorno auricular. Atrás da cabeça, possui um coque ou um adorno.

ESTATUETAS ANTROPOMORFAS



Apêndice 1.




(Continua)

Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
CBL 147	 <p>CBL 147</p> <p>Estatueta inteira, acordelada e modelada, oca, com antiplástico de caco moído, alisada e submetida à queima redutora. Medidas: 14 x 10 cm.</p>	Estatueta com indicação do sexo feminino. Apresenta cavidade ocular em depressão, neste caso indicando desprendimento do modelado dos olhos da peça, com possível formato em botão. O nariz é modelado e as narinas são formadas por dois ponteados. Possui pequena boca incisa. Parece levar um adorno na cabeça, talvez uma tiara. O tronco é volumoso e o exemplar possui seios, umbigo em botão com cavidade incisa, vulva e vagina incisas. Os braços estão fletidos sobre o abdômen e as mãos estão figuradas, mas sem presença dos dedos. Está sentada, com as pernas abertas. Há bolotas de argila em seu interior, indicando ser um chocalho.
ARM 546	 <p>ARM 546</p> <p>Estatueta inteira, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora. Medidas: 10,4 x 5,6 cm.</p>	Estatueta como formato tabular, figurando o sexo feminino, em que a vagina está marcada por meio de uma incisão. Apresenta incisões paralelas em movimento sinuoso nas duas faces do corpo e nas laterais, indicando possíveis escarificações corporais ou tatuagens. Em cada lado da cabeça, há um orifício vazado. A perna esquerda, curta, está representada, mas sem o pé. Possui bolotas de argila em seu interior.
ARM 551	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora.</p>	Figura parte do tronco e as pernas com os pés. Está em pé.

ESTATUETAS ANTROPOMORFAS





Apêndice 1. (Continua)

Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
ARM 552, ARM11 455, BR1 098, CAB 02	<p>Pernas deformadas</p>  <p>Fragmentos de estatuetas, acordeladas e modeladas, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora.</p>	Figura um conjunto de pernas bulbosas, evidenciando uso de adornos que provocaram esta deformação corporal.
FOR 0601	 <p>Fragmento de estatueta, oca, acordelada e modelada, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora.</p>	Estatueta fragmentada, figurando uma perna. Apresenta pintura corporal formada por grafismos abstratos, na cor preta.
SOU 100	 <p>Fragmento de estatueta, acordealada e modelada, alisada, com antiplástico de cauxi e submetida à queima redutora.</p>	Figura uma pequena parte da perna e um pé humano, com um motivo inciso no dorso.

Apêndice 1.




(Continua)

Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
MN 02	 <p>Estatueta inteira, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora. Medidas: 14 x 5 cm.</p>	<p>Figura um ser humano que possui olhos incisos e nariz modelado com dois ponteados. Na região do pescoço, apresenta duas pequenas asas. As mãos estão fletidas sobre o abdômen e os dedos são incisos. Não há indicação de sexo. Possui um orifício na região do umbigo e duas linhas incisas figuradas nas coxas, indicando escarificações. Apresenta um grande orifício na região do peito, que pode aludir à inalação de substâncias alucinógenas. Ver Costa et al. (2016, p. 183).</p>
MN 03	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora.</p>	<p>Figura um ser humano com umbigo modelado em depressão e braços modelados em forma de S invertido. Não há indicação de sexo. Está sentada com as pernas abertas. Apresenta perna bulbosa, indicando uso de adornos que provocaram esta deformação corporal. Ver Costa et al. (2016, p. 183).</p>

ESTATUETAS ANTROPOMORFAS

Apêndice 1.

(Continua)



Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
MN 04	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora.</p>	Estatueta feminina, com figuração da vulva e vagina incisas. Está sentada, com as pernas abertas. Ver Costa et al. (2016, p. 183).
MN 05	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora.</p>	Estatueta feminina, com figuração da vulva modelada e da vagina incisa. Apresenta somente a perna direita. Ver Costa et al. (2016, p. 183).
ARM 60	 <p>Estatueta inteira, acordelada e modelada, oca, alisada e com antiplástico de caco moído. Medidas: 6,5 x 4,3 cm.</p>	Figura uma coruja, com a presença do disco facial, rosto achatado com depressões de onde se desprenderam os olhos modelados. Possui duas narinas ponteadas. Destacam-se as orelhas assimétricas típicas dessas aves de rapina, que lhe concedem uma audição superior. Apresenta um furo lateral de cada lado na região do pescoço. No tronco, destaca-se a presença de umbigo modelado em depressão. Os braços estão fletidos sobre o ventre. Os membros superiores são humanos e os dedos estão representados por incisões. Está sentada, com as pernas abertas. A estatueta possui bolotas de argila em seu interior, indicando uso como chocalho.

ESTATUETAS ANTROPOMORFAS





Apêndice 1.

(Continua)

Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
ARM 64	<div></div> <p>Estatueta inteira, acordelada e modelada, com caco moído como antiplástico, alisada e com marcas de queima. Medidas: 11,3 x 9,3 cm.</p>	<p>Figura uma coruja, com o típico disco facial formado por um modelado aplicado que se une ao bico curto, compondo um T. Os olhos são modelados em forma de botão. Atrás da cabeça, há um orifício vazado, saliente, modelado, indicando seu uso suspenso. Apresenta em seu interior bolotas de argila, indicando também o uso como chocalho. Está sentada e possui pernas humanas, que estão abertas, sendo representados os pés. Identificada por Mikkola (2020) como uma possível espécie de Pulsatrix perspicillata, ou murucututu, uma das maiores aves de rapina da Amazônia. Caracteriza-se também pela ausência das orelhas.</p>
ARM1 407	<div></div> <p>Estatueta inteira, acordelada e modelada, oca, com antiplástico de caco moído, submetida à queima redutora e com marca de queima. Medidas: 10,6 x 8,8 cm.</p>	<p>Estatueta feminina com cabeça de coruja, evidenciada pelo disco facial que se une ao bico curto, formando um T. Possui olhos modelados, aplicados em forma de botão, orelhas modeladas com orifício vazado, indicando uso de adornos auriculares. Atrás da cabeça, há um modelado saliente que poderia representar um coque ou um adorno. Há um orifício vazado em cada lado do pescoço, indicando seu uso suspenso. Existe também nessa região uma faixa em forma de U, pintada de vermelho. Os braços estão semicurvados e posicionados ao lado do tronco. No tronco, destaca-se a presença do umbigo modelado em depressão. Uma incisão demarca a vulva. Há bolotas de argila em seu interior, o que indica o uso como chocalho. Está sentada, com as pernas abertas, e os pés estão figurados. Notam-se bulbos nas pernas, indicando o uso de adornos que provocam esta deformação corporal.</p>




Apêndice 1.

(Continua)

Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
CAB 151	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora. Apresenta oxidação pela ação das águas do rio no qual se encontrava.</p>	Esta estatueta figura um mamífero, uma possível onça, em posição de estação. A face, com características humanas, apresenta olhos em depressão, nariz modelado e boca incisiva.
MIN 01	 <p>Estatueta inteira, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora.</p>	Figura uma coruja, com o típico disco facial que se une ao nariz, formando um T. Os olhos são modelados em forma de botão. A pequena boca é incisiva. Os braços têm a forma de um s invertido e estão posicionados ao lado do corpo. Está em pé. Ver Costa et al. (2016, p. 183).

ESTATUETAS ANTROPOMORFAS




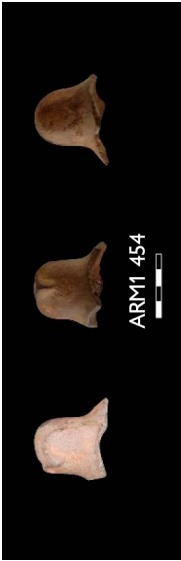

Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
CBL 15	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, com antiplástico de caco moído, alisada, submetida à queima redutora e com marca de queima.</p>	<p>Estatueta figurando um macaco, com o típico arco superciliar modelado. As orelhas são modeladas, o nariz modelado aplicado é de grandes dimensões e possui boca incisa. No pescoço, há marcas de uma tentativa de fabricação de um orifício vazado, mas que não se concluiu. Apresenta o membro superior junto a lateral do corpo e uma cauda com a extremidade curva. O tronco é volumoso e se destaca pela presença do umbigo saliente, modelado em forma de botão, com cavidade incisa. Nas costas, apresenta duas protuberâncias. Está sentada, mas não há figuração dos membros inferiores.</p>
ARM1 099	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima redutora.</p>	<p>Figura uma cabeça de coruja com o típico disco facial que se une ao nariz, com ponteados, formando um T. Os olhos, em formato de botão, são modelados e aplicados. Na parte superior direita da cabeça, existe um pequeno orifício vazado que indica seu uso suspenso.</p>
ARM 61	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído, submetida à queima redutora e oxidada pela ação da água. Medidas: 12 x 5,7 cm.</p>	<p>Figura um possível macaco-da-noite (<i>Aotus inflatus</i>), segundo Navarro e Silva Júnior (2019, p. 213). Possui cavidade ocular em depressão, o nariz é formado por dois ponteados e as orelhas estão representadas. O tronco caracteriza-se por um orifício na região do umbigo, o que pode indicar o uso de alucinógenos através de um inalador. Os braços eram modelados e se desprenderam da peça, indicando que foram colocados no corpo após a confecção do tronco. Há somente a perna e o pé esquerdos, com a presença de três dedos.</p>

ESTATUETAS ANTROPOMORFAS



Apêndice 1.

(Continua)


Análise formal dos exemplares mais representativos		
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais
ARM 271	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima reductora.</p>	Esta estatueta possui somente a base, formada por um arco modelado. Os membros inferiores figurados pertencem a um anfíbio, possivelmente um sapo. Apresenta três dedos modelados.
ARM1 454	 <p>Estatueta fragmentada, acordelada e modelada, oca, alisada, com antiplástico de caco moído e submetida à queima reductora.</p>	Figura uma cabeça de coruja, com o típico disco facial que se une ao nariz. Em seu interior, há bolotas de argila, que foram inseridas na peça pela boca, segundo análise feita por RAMAN, tendo sido logo em seguida selada.
BR 55	 <p>Estatueta inteira, acordelada e modelada, oca, alisada e com antiplástico de caco moído. Medidas: 4 x 1 cm.</p>	A estatueta figura um possível cachorro-do-mato-vinagre, segundo Navarro e Silva Junior (2019, p. 216). Esta em posição de estação, com a cauda ereta e orelhas arqueadas para trás. Apresenta olhos modelados em formato de botão.

ESTATUETAS ANTROPOMORFAS



Apêndice 1.

(Conclusão)

Análise formal dos exemplares mais representativos			
Número da peça	Imagem e características técnico-tipológicas	Elementos corporais	
BR 56	 <p>Estatueta inteira, acordelada e modelada, oca, alisada e com antiplástico de caco moído. Medidas: 3,5 x 0,7 cm.</p>	A estatueta figura um possível cachorro-do-mato-vinagre, segundo Navarro e Silva Junior (2019, p. 216). Está em posição de estação, com a cauda ereta.	

ESTATUETAS ANTROPOMORFAS